

“Meu registro é breve, nasci comunista”: militância judaico-comunista, um estudo de caso

Rodrigo Patto Sá Motta *

O OBJETIVO DESTA TRABALHO é refletir sobre a relação entre comunismo e judaísmo. No Brasil, como em outros países, foi expressiva a participação de pessoas de origem judaica no movimento comunista. Imigrantes judeus, de diferentes procedências, encontraram no comunismo um ideal de vida e de luta, e depositaram nessa causa suas melhores esperanças e esforços. Em muitos casos, a adesão à ideologia revolucionária deu-se de maneira intensa, tornando-se pilar central na constituição de identidades. Dessa forma, alguns membros da comunidade judaica construíram sua identidade a partir da fusão, por sinal nem sempre tranqüila, entre ideais e valores comunistas e elementos da tradição cultural do povo judeu.

A proposta é analisar a formação de tais vínculos entre judeus e comunismo, buscando, fundamentalmente, entender as razões do fenômeno – em outras palavras, tentando explicar a origem de tal atração. Na verdade, trata-se de pesquisa em estágio inicial, ainda sem resultados definitivos a apresentar.

As reflexões que serão apresentadas têm como base entrevista realizada com o senhor Jaime Goifman, integrante do acervo do Programa de História Oral da UFMG. A fonte em questão apresenta-se

* Universidade Federal de Minas Gerais.

bastante rica, pois se trata de pessoa que teve destacada militância nas comunidades comunista e judaica de Belo Horizonte, entre as décadas de 1940 e 1990. O Sr. Goifman apresenta uma característica interessante, particularmente útil tendo em vista nossos propósitos. Ele provinha de família comunista, seus pais eram militantes históricos do PCB, partido ao qual aderiram nos anos de 1920. Assim, nosso entrevistado oferece exemplo interessante para refletir sobre a formação da identidade judaico-comunista, uma vez que recebeu e incorporou elementos das tradições judaica e comunista ainda na infância. Através de seu caso poderemos perceber como se estabeleceram linhas de contato e pontos de atração entre as duas identidades referidas.

Em que pese a ênfase conferida ao depoimento citado, outras fontes foram utilizadas para a consecução do trabalho, notadamente teses acadêmicas e bibliografia especializada.

Judaísmo e revolução

O estudo das relações entre judaísmo e revolução configura campo de investigação instigante no âmbito das pesquisas sobre as tradições revolucionárias e as culturas políticas de esquerda. Em princípio, soa paradoxal analisar um grupo tão preso ao cultivo de tradições antigas, notadamente no campo religioso, e associá-lo à militância revolucionária. Como imaginar que uma cultura tão ciosa de valores tradicionais – como o patriarcalismo e a conseqüente submissão das mulheres, para não falar na firme convicção na existência de Deus – pudesse ser formadora de líderes revolucionários? Nesse sentido, as acusações do anti-semitismo emergente no final do século XIX, fenômeno umbilicalmente ligado ao crescimento da sensibilidade conservadora, de que os judeus seriam o motor oculto por trás do “desafio revolucionário”, só poderiam parecer fantasia (Sá Motta, 1998).

Não obstante essas ressalvas, e descontando os exageros e mistificações da propaganda conservadora e anti-semita, existe algo de verossímil na suposição da existência de laços fortes ligando os judeus à causa revolucionária. Quanto ao último ponto é preciso evitar uma generalização abusiva, pois sempre houve membros conservadores no interior da comunidade judaica. No entanto, durante o período áureo

das reformas e revoluções, aproximadamente entre o final do século XVIII e início do XX, os judeus se posicionaram com mais frequência ao lado das mudanças.

Um dos argumentos mais sólidos para explicar o fenômeno é que os judeus – na qualidade de grupo marginal no interior da sociedade tradicional cristã – viam com bons olhos as propostas de liberdade e igualdade entre os homens, que soavam como a promessa de sua emancipação do gueto (Courtois & Lazar, 1987, p. 138-41). Daí decorreria a tendência, corrente entre as lideranças judaicas no período de meados do século XIX a meados do XX, a se solidarizarem com os grupos oprimidos na luta a favor de transformações sociais. Os judeus também se sentiam excluídos e marginalizados em relação à ordem social e cultural dominante, e por isso era comum se identificarem com a causa revolucionária.

No que se refere ao fascínio das idéias socialistas e comunistas sobre os judeus, um ponto a ser considerado é uma provável influência do messianismo. Preparados, de acordo com a tradição, a aguardar a redenção pelo chegada do messias, muitos judeus viviam a expectativa da revolução socialista como se fosse uma espécie de messianismo laico.

Não é sem motivo que os judeus atraíram o ódio dos grupos insatisfeitos e temerosos em relação às transformações do mundo moderno. Eles pareciam representantes perfeitos da modernidade: políticos e intelectuais radicais, empresários modernos e seres cosmopolitas, quer dizer, sem pátria. O internacionalismo atribuído aos judeus era um elemento particularmente odiado pelos setores conservadores, que depositavam na nação e no nacionalismo suas melhores esperanças de construir uma identidade segura num mundo encarado como caótico e em decomposição. O “judeu sem pátria” era visto com temor e desprezo, pois era encarado como um possível destruidor da integridade e da pureza da nação.

Quanto ao comunismo, tido como o ponto culminante da ação das forças destrutivas e maléficas, sua vinculação com a figura do judeu também não foi construída no vazio. Havia algo de real sustentando o mito. O número de judeus ligados aos movimentos comunistas era muito expressivo, bem como sua influência. Na liderança bolchevique e nos quadros do PC russo a presença judaica era grande. Além

do muito conhecido Trotsky, destacavam-se também Zinoviev, Kame-nev, Radek, Litvinov, Piatnitski, Kaganovich, Iezhov, Lozovski, entre outros. Na Internacional Comunista acontecia o mesmo. Há um dado que ajuda a avaliar o poder de atração das idéias de esquerda sobre a comunidade judaica, particularmente no contexto da luta antifascista: dos cerca de 32.000 voluntários das brigadas internacionais na guerra civil espanhola, aproximadamente 25% (de 7 a 8 mil) eram de origem judaica (Courtois & Lazar, 1987, p. 139).

Voltando os olhos para o Brasil, encontramos na história do comunismo brasileiro uma destacável participação de judeus nas fileiras do PCB. Vários tiveram projeção nacional, entre eles Leôncio Basbaum, Jacob Gorender, Maurício Grabois e Salomão Malina. O PCB, inclusive, foi presidido por um deles, Malina, fato raro na história brasileira.¹

O partido possuía algumas organizações de base – as células da estrutura leninista – compostas exclusivamente de judeus.² Após a tentativa revolucionária de 1935 a polícia desarticulou uma dessas bases, com a prisão de 23 pessoas. Os registros policiais feitos no momento das detenções diziam que pertenciam todos à suposta organização revolucionária BRAZCOR, ligada ao PCB. Na verdade, tratava-se de um grupo de judeus de esquerda, muitos efetivamente comunistas, que geriam a Biblioteca Sholem Aleichem, centro de cultura e debates, e um restaurante utilizado para angariar recursos para o grupo (Guerman, 2002, p. 20).

Deve ser notado que nas décadas de 1920 e 1930 o Partido Comunista recrutou um número expressivo de novos aderentes entre os imigrantes, que compunham boa parte das classes trabalhadoras urbanas. Nos grandes centros urbanos do país a polícia, freqüentemente, levava para as prisões muitos adeptos e simpatizantes comunistas recém chegados ao Brasil (Campos, 1997, p. 224), bem como apreendia literatura e livreiros marxistas de origem estrangeira (Carneiro, 1997).

¹ Salomão Malina desempenhou o cargo nos anos 1980. Foi um dos únicos judeus, senão o único, a ocupar a presidência de um partido político no Brasil.

² Em Belo Horizonte, a título de exemplo, a base judaica funcionou até os anos 1970. Depoimento de Jaime Goifman, setembro/outubro de 1996. Acervo do Grupo de História Oral da FAFICH/UFMG.

Posteriormente, nos anos de 1940 e de 1950, e mesmo depois, a militância judaica continuou tendo importância significativa no interior do Partido Comunista. Células compostas de ativistas judeus mantiveram-se em funcionamento, bem como permaneceu a influência comunista exercida sobre algumas entidades judaicas. Também continuou presente uma característica marcante nas relações entre o partido e os ativistas e simpatizantes judeus: a estratégia de utilizar a comunidade judaica como fonte privilegiada para arrecadação de fundos.

Os Goifman

A partir desse cenário mais amplo podemos situar e entender a trajetória de Jaime Goifman, ou melhor, da família Goifman, pois a identidade política de Jaime só é compreensível tendo em vista a história de seus pais. Liuba e Nute Goifman chegaram ao Brasil no final da década de 1920, em 1927 ou 1928, provenientes da Romênia. Nute, que era de origem ucraniana, aparentemente havia sido deslocado para a Romênia a serviço da causa revolucionária, e lá ficou conhecendo Liuba, que seria sua companheira pelo resto da vida. Vieram para o Brasil fugindo de perseguições anti-semitas que eclodiram na Romênia na esteira de um levante revolucionário. Devido à militância revolucionária do jovem casal é provável que a decisão de emigrar se devesse à sua condição duplamente arriscada: judeus e comunistas vivendo num país engolfado em embates revolucionários e contra-revolucionários.

Chegando ao Brasil logo se ligaram ao Partido Comunista, então em formação, através de membros da comunidade judaica e entregaram-se à luta revolucionária. Liuba trabalhou como operária e militou na juventude comunista e em organizações femininas, ao passo que o marido trabalhou como motorneiro, pedreiro e padeiro. Não demoraram a chamar a atenção da polícia e logo começaram as prisões. Quando nasceu o primeiro filho, Jaime, em 1928, a mãe estava sob escolta policial. Muitas prisões marcaram os primeiros anos dos Goifman no Brasil, que estiveram sob ameaça de deportação por mais de uma vez (Wiazovski, 2001, p. 64-6). A perseguição policial forçou a família a constantes deslocamentos, mudando várias vezes para fugir à repressão. Do Rio de Janeiro, cidade onde inicialmente tentaram se fixar, passaram

a São Paulo e, em seguida, Espírito Santo e Minas Gerais, tendo fincado raízes, por fim, em Belo Horizonte.

A militância política dos pais, particularmente as desventuras sofridas em decorrência das atividades revolucionárias, deixaram marcas profundas em Jaime Goifman, que as viveu ainda criança. No decorrer dos depoimentos ficou patente a importância desse tema na constituição da identidade de nosso entrevistado. O filho mais velho do casal Goifman acompanhou as peripécias dos pais e, sobretudo, as experimentou como sofrimento. Além de carregar a marca de ter nascido na “prisão”, o jovem Jaime ficou afastado dos pais em algumas ocasiões, quando eles estiveram presos. Em meio às recordações desse período lembrava-se em especial de uma passagem pela Ilha Grande, sede de famoso presídio político e local onde seu pai passou uma “temporada”.

Numa ocasião, quando tinha aproximadamente cinco anos (por volta de 1933), ele foi recolhido às dependências do DOPS junto com os pais; o garoto despertou atenção ao proferir slogans anti-capitalistas, naturalmente reprodução mecânica de frases que ouvira nos discursos dos adultos. Por causa do episódio uma fotografia sua teria sido publicada em jornal, acompanhada do texto: “o menor comunista do Brasil”. De outra feita o menino, agora com sete ou oito anos, foi parar no juizado de menores, junto com a irmã menor, devido à prisão dos pais. Durante a passagem por essa instituição um fato ficou gravado em sua memória: foi levado à casa de um general do Exército para ser mostrado à esposa do oficial. Jaime se sentiu um objeto, um “bicho” digno de ser observado como coisa exótica. Após algum tempo as duas crianças foram retiradas do juizado por amigos ligados ao Partido, que cuidaram deles até que os pais fossem soltos e pudessem reaver a guarda dos filhos. Em seguida a essa fase conturbada os Goifman resolveram se afastar do eixo Rio-São Paulo, pois naquelas cidades eles já estavam muito visados pela polícia, e foram parar em Minas.

Nute Goifman, seguindo a trajetória de milhares de imigrantes judeus, começou a trabalhar como “clienteltchik” e acabou por se estabelecer como comerciante. O casal optou por manter militância discreta em Belo Horizonte, embora sempre ligados ao PCB. Atuaram no interior da própria comunidade judaica, liderando a atuação de sua fração comunista. Nesse campo o principal desafio era disputar o controle das entidades judaicas, principalmente a União Israelita de Belo Horizonte.

Durante anos os Goifman estiveram à frente das lutas que opunham comunistas, ou “progressistas”, de um lado, e do outro os setores “sionistas” (Pfeffer, 1993). Além da atuação junto à comunidade judaica, destacando-se o papel de Liuba Goifman como promotora de círculos de leitura e debate reunindo mulheres, Nute Goifman serviu ao Partido como emissário em viagens internacionais, notadamente na União Soviética.

O jovem Jaime não demorou a seguir a trilha dos pais na militância partidária. Sua juventude coincidiu com uma fase de crescimento da influência do PCB, nos meados da década de 1940. Ele foi membro da juventude comunista e do comitê municipal do Partido, responsável pelo setor de agitação e propaganda. Envolveu-se com o movimento estudantil, organização de moradores de favelas e greves, entre outras atividades.

No começo dos anos 1950 Jaime teve participação num episódio que o levaria a afastar-se de Belo Horizonte e da família por vários anos. Após a morte de um policial numa manifestação organizada pelo PCB, as autoridades locais intensificaram a repressão contra os comunistas. Ele foi preso durante a realização de um Festival da Juventude, e na luta corporal que se seguiu resistiu à prisão. Processado por agressão e tentativa de homicídio ele fugiu da cidade, com medo de uma possível condenação. As organizações do Partido prepararam sua fuga e ele foi deslocado para militar em outras regiões do país, fenômeno aliás comum na trajetória dos comunistas brasileiros. Daí resultou uma experiência ao mesmo tempo rica e angustiante: a dor de ver-se afastado dos entes queridos foi parcialmente compensada pela oportunidade de conhecer o Brasil, do norte ao sul. Numa dessas ocasiões, quando estava no Rio de Janeiro, conheceu sua futura esposa, com a qual retornou a Belo Horizonte em meados dos anos de 1950. Retomou os contatos políticos na cidade e voltou ao trabalho partidário, principalmente no “setor judaico”. Foi preso numa das últimas ondas repressivas do regime militar, em 1976, juntamente com vários membros do PCB mineiro. Enfim, o objetivo aqui não é traçar um quadro detalhado da militância política de Jaime Goifman, mas apenas mostrar a intensidade dos vínculos que mantinha com a tradição comunista, de modo a tornar possível a conclusão de nossa análise.

Comunismo e judaísmo

A trajetória de Jaime Goifman pode nos ajudar e refletir sobre os liames estabelecidos entre as identidades judaica e comunista. Ressalte-se, de início, que estamos falando de relações complexas, para não dizer conflituosas. Se, de um lado, parece ter havido forte atração entre judeus e comunismo, por outro, havia pontos de atrito afastando-os.

No que toca aos conflitos, a questão básica é a religião: como conciliar o materialismo comunista com a identidade judaica, que em grande medida provinha da religião? Esse dilema levou muitos militantes a abandonarem a fé de seus antepassados, embora continuassem a considerar-se judeus, enquanto outros tentaram uma difícil conciliação entre a crença na religião e na revolução. Mesmo para os que romperam com a religião, porém, permanecia uma questão a resolver: como conciliar a fidelidade a uma identidade particular, étnica ou nacional, com o universalismo marxista? O que deveria vir primeiro, a humanidade ou a comunidade judaica? Entre os judeus esse dilema se resumiu através da definição de dois projetos políticos: socialismo/comunismo e sionismo. É bem verdade que aqui as tentativas de conciliação tinham mais chances que no caso da religião, o que pode ser atestado pela existência de vários grupos sionistas de esquerda. Mas ainda nesses casos a tensão é algo muito presente.

Na vida política da comunidade judaica de Belo Horizonte tais conflitos estiveram em pauta durante décadas, opondo os comunistas ou “progressistas” aos “sionistas”.³ Os Goifman estiveram entre os principais líderes da esquerda judaica na cidade, polarizando as atenções e atraindo a ira dos adversários. Durante algum tempo a esquerda levou vantagem, particularmente no auge da luta anti-fascista e no quadro do imediato pós-segunda guerra. Mas a partir da formação do Estado de Israel e na seqüência das denúncias do stalinismo, que trouxeram à tona a existência de perseguição a judeus na URSS, os comunistas e progressistas começaram a perder terreno. As disputas entre os dois

³ Deve-se mencionar a existência de outro ponto de conflito, que não poderemos aprofundar aqui: as diferenças entre judeus *ashkenazim* (ligados à cultura e língua ídiche) e *sefaradim*.

grupos se acirraram a ponto de levar a uma cisão: em 1953 os “sionistas” abandonaram a tradicional União Israelita de Belo Horizonte, sob hegemonia da esquerda, e fundaram entidade própria, a Associação Israelita Brasileira, seção de Belo Horizonte (Cuperschmid, 1997, p. 266).

Os Goifman permaneceram ligados à orientação do Partido Comunista, mesmo num quadro de declínio do apelo do judaísmo de esquerda. Na história dessa família os valores das duas tradições, comunista e judaica, se mesclaram de tal maneira que sua identidade foi constituída a partir de referências recolhidas de ambas. A militância política era imbrincada com a cultura judaica, ídiche para sermos mais exatos. Exemplo: o cultivo de formas de expressão como literatura, teatro e música, elementos centrais na tradição cultural judaica, servia também como instrumento de ação política. As manifestações da cultura ídiche, notadamente o teatro e a música, eram usadas para estimular o debate político e a propagação de idéias.

Há um episódio, na verdade dois, que podem servir de ilustração ao argumento sobre a importância dos vínculos construídos entre judaísmo e comunismo. Entre os Goifman o cultivo da música e do prazer de cantar em grupo (em russo, português, ídiche e hebraico), uma prática que unia e conferia identidade ao grupo, foi mobilizado nos momentos em que a adesão ao comunismo cobrou um duro preço, o encarceramento. Numa ocasião, nos anos de 1930, Nute e Liuba cumpriram pena no mesmo presídio, em São Paulo. Estavam a um só tempo próximos e distantes, pois as prisões normalmente mantêm detidos e detidas em alas distintas. Para aplacar a dor do afastamento e estabelecer um elo de comunicação, ainda que tênue, Nute cantava as saudades da esposa, um canto alto o suficiente para ser ouvido por Liuba na ala feminina.

Curiosamente, décadas depois, a música foi mobilizada pela família em situação semelhante. Nos anos de 1970, quando chegou a vez do filho Jaime purgar na cadeia o “crime” de ser comunista, seus familiares cantaram para ele do lado de fora do quartel. Músicas que traziam o conforto dos entes queridos e serviam de alento para diminuir a solidão e o medo, através da mobilização de signos culturais que traziam à mente sensações de pertencimento, identidade e solidariedade.

Conclusão

Jaime Goifman manteve-se fiel até o fim ao Partido Comunista. Testemunhou a maioria das crises e cisões que o PCB experimentou ao longo da história, e foram muitas, mas sempre permaneceu ligado aos grupos que considerava mais próximos à tradição comunista. Poucos anos antes de morrer (1998) teve que encarar a última grande crise, a transformação do PCB em Partido Popular Socialista (PPS). Recusou-se a aceitar as mudanças e aliou-se ao grupo que procurou reorganizar o PCB, tornando-se o seu vice-Presidente em Minas.

Acreditamos que o sr. Goifman construiu sua identidade pessoal com base em valores da tradição comunista, de tal modo que abrindo mão deles não conseguiria viver. Essa identidade era ao mesmo tempo individual e familiar; em seu caso, o comunismo era uma herança recebida dos pais, um elo de ligação com os progenitores. Assim, preservar laços com a tradição comunista, na verdade, significava manter-se fiel à memória dos pais.⁴

Ao final da entrevista, quando perguntado se gostaria de falar de algum tema que não tivesse sido perguntado, ou deixar algo registrado, respondeu apenas: “Meu registro é muito breve, nasci comunista.”

Referências bibliográficas:

- CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. Estrangeiros e Ordem Social (São Paulo, 1926-1945). *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH / Ed. Unijuí, v. 17, n. 33, 1997.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas: o Deops e as minorias silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- COURTOIS, Stéphane & LAZAR, Marc. *Le communisme*. Paris: M.A. Editions, 1987.

⁴ Numa das entrevistas, ao falar da sua opção de permanecer no PCB, lembrou-se de situação vivida pela mãe décadas antes, quando foi convidada por Mário Alves a abandonar o partidão e ingressar no Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), dissidência que adotou a luta armada para enfrentar o regime militar.

- CUPERSCHMID, Ethel Mizrahy. *Judeus entre dois mundos: a formação da comunidade judaica de Belo Horizonte (1922-1961)*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- GUERMAN, Michel. Ecos do progressismo: história e memória da esquerda judaica dos anos 30 e 40. *Boletim Informativo*. Órgão interno do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro. Ano VI, n. 24, 1º trimestre de 2002.
- PEFFER, Renato Somberg. *A comunidade judaica de Belo Horizonte: formação de uma identidade étnica particular numa sociedade diferenciada e plural*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 1993.
- SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. O mito da conspiração judaico-comunista. *Revista de História*, (138). São Paulo: Humanitas Publicações-FFLCH/USP, 1998. p. 93-105.
- WIAZOVSKI, Taciana. *Bolchevismo e judaísmo. A comunidade judaica sob o olhar do DEOPS*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001.

Resumo: Partindo da análise de uma entrevista, que proporcionou um breve estudo de caso, este artigo apresenta algumas reflexões sobre as complexas e ao mesmo tempo fascinantes relações entre comunismo e judaísmo. Embora essas duas identidades possuam alguns pontos divergentes, que podem provocar atrito, com alguma frequência elas mesclaram-se e levaram à formação de uma militância judaico-comunista, ou comunista-judaica. É desse encontro entre cultura judaica e militância revolucionária que trata o presente texto.

Palavras-chave: comunismo; judaísmo; identidade.

"MY RECORD IS BRIEF: I WAS BORN A COMMUNIST": A CASE STUDY OF JEWISH-COMMUNIST ACTIVISM

Abstract: Based on a interview that led to a case study, this article presents some reflexions on the complex and fascinating relations between communism and Jewish culture. Although these identities have in some cases clashed, in others they have mixed and produced what we can call a Jewish-communist (or communist-Jewish) activism. The main subject of the text is the encounter between Jewish culture and revolutionary activism.

Key words: communism; Jews; cultural identity.